



DEMOCRACIA SOB ATAQUE: narrativas de orquestração do golpe, em janeiro de 2023¹

Carla Montuori Fernandes²

Vinicius Borges Gomes³

Luiz Ademir de Oliveira⁴

Marina Alvarenga Botelho⁵

Resumo

O artigo busca compreender o funcionamento da rede bolsonarista após a derrota de Jair Bolsonaro (PL) nas urnas, identificando perfis e comunidades ativas na rede social X, durante os ataques ao patrimônio público em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023. Esse episódio, que culminou na invasão à Praça dos Três Poderes, faz parte de um movimento mais amplo de avanço da extrema direita global no século XXI, marcado por narrativas antidemocráticas e o uso intensivo de desinformação para questionar processos eleitorais legítimos. A pesquisa coleta publicações no Twitter e emprega a Análise das Redes Sociais (RECUERO et al., 2015) para investigar como fake news, sustentadas por alegações de fraudes nas urnas eletrônicas, foram utilizadas para mobilizar tentativas de golpe e ataques às instituições democráticas no Brasil.

Palavras-chave: Democracia; desinformação; redes sociais; bolsonarismo.

DEMOCRACY UNDER ATTACK: narratives of coup orchestration, in January 2023

Abstract

The article aims to understand the functioning of the Bolsonaro network after Jair Bolsonaro's (PL) electoral defeat, identifying active profiles and communities on the social network X, during the attacks on public property in Brasília on January 8, 2023. This episode, which culminated in the invasion of the Praça dos Três Poderes, is part of a broader movement of the global far-right's rise in the 21st century, characterized by anti-democratic narratives and the extensive use of disinformation to challenge legitimate electoral processes. The research collects posts from Twitter and employs Social Network Analysis (RECUERO et al., 2015) to investigate how fake news, backed by allegations of fraud in electronic voting, were used to mobilize coup attempts and attacks on democratic institutions in Brazil.

Keywords: Democracy; disinformation; social networks; bolsonarismo.

Artigo recebido em: 30/10/2024 Aprovado em: 30/03/2025

¹ Artigo resultante da pesquisa "A desinformação como estratégia de poder e mobilização virtual", processo nº 2024/04203-8, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)."

² Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP). Pós-doutora em Comunicação Política pela Universidade de Valladolid. Docente titular do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). E-mail: carla.montuori@docente.unip.br

³ Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de São João Del-Rei. Doutorado em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). Mestrado em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora (2018). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC Minas. Professor da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. E-mail: vinibgpj@gmail.com

⁴ Bacharelado em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutorado e Mestrado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ. Mestrado em Comunicação Social (UFMG). Professor Associado III do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, em regime de Dedicção Exclusiva (DE) na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Atua como docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF. Luiz Ademir de Oliveira E-mail: luizoli@ufsj.edu.br

⁵ Bacharelado em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Docente da Universidade Federal de Lavras. E-mail: inabotelho@gmail.com. Universidade Federal de Lavras

1 INTRODUÇÃO

O artigo parte de um olhar conjuntural sobre o impacto da comunicação digital na política brasileira no período histórico recente e reconhece o recrudescimento da extrema-direita nos últimos anos, especialmente a partir da liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Bolsonaro se apropriou de um sistema de produção e divulgação de informação, como uso de robôs e perfis falsos, desde as eleições de 2018, algo que continuou a operar em 2019 para sustentar as ações do Governo. O cenário de disseminação de conteúdos falsos na época das eleições presidenciais de 2018 já prenunciava o *modus operandi* que seria usado após o pleito eleitoral: o uso da desinformação como estratégia política do Governo, que relativizava com os cenários políticos nacional e internacional. Durante todo o mandato presidencial, Bolsonaro (PL) manteve a comunicação via redes sociais *online*, espaço onde incentivava a polarização política e alimentava seu seguidores com conteúdo falsos.

Mesmo após o fim do mandato, grupos de apoiadores do ex-presidente continuam usando as redes sociais com espaço para propagação de *fake news*, como palco de ataque às instituições e acirramento da polarização política. Um estudo realizado pela Diretoria de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getúlio Vargas, entre novembro de 2020 e janeiro de 2022, localizou 394.370 postagens sobre fraude nas urnas eletrônicas e voto impresso auditável, publicadas por 27.840 contas, entre páginas, perfis pessoais e grupos públicos no *Facebook*. Essas publicações atraíram mais de 111 milhões de interações (Ruediger *et al.*, 2022). No período eleitoral de 2022, conforme constatam Penteadó *et al.* (2023), os ataques se intensificaram e o tema se transformou em um dos principais assuntos discutidos nas redes sociais *online* durante o pleito, ocasionando enorme descredibilidade do processo eleitoral.

Finalizado o pleito de 2022, diante da derrota eleitoral e respaldados por *fake news*, que circulavam em torno das fraudes das urnas eletrônicas, movimentos de apoiadores do ex-presidente Bolsonaro se mobilizaram, inicialmente, para fechar e interromper o fluxo de veículos nas rodovias federais sob alegação de que parar o País forçaria ao reconhecimento de fraude e culminaria com a tomada do poder pelos militares¹. Respaldadas por *fake news*, que apontavam fraudes nas urnas eletrônicas, tentativas de golpes foram mobilizadas nas redes bolsonaristas, que partiram para a escalada de radicalização após a derrota de Bolsonaro nas urnas em 30 de outubro de 2022.

O artigo analisa a mobilização da rede bolsonarista no Brasil, especificamente a tentativa de golpe e os ataques às instituições democráticas e ao patrimônio público, em 8 de janeiro de 2023, os quais revelaram uma ebulição do próprio sistema político e um desafio ao funcionamento institucional do País. A pesquisa pretende mapear os padrões enunciativos ativados pelo bolsonarismo, a partir da

disseminação de conteúdos falsos, que descredibilizam as instituições democráticas, pautados no discurso de ódio e em ataques à esquerda e ao comunismo, personificado na figura do petismo e do presidente Lula.

A linha teórica buscará contribuir com a reflexão sobre desinformação e sua lógica de funcionamento, na mobilização e na disseminação de narrativas, que enaltecem o bolsonarismo, e tem como alvo as instituições democráticas e o novo governo, por meio do estudo das plataformas digitais. Nesse sentido, o estudo tem como objetivo analisar como se estruturaram os movimentos digitais e as principais comunidades, redes de influenciadores e narrativas que se formaram em torno do ataque às instituições, em 8 de janeiro de 2023, usando como metodologia a Análise de Redes Sociais. Foram coletadas 10 mil menções do X (antigo Twitter), a partir de conectores de busca preestabelecidos das hashtags #festadaselma para a retenção de *tweets* e *retweets* na API pública X. Esse termo foi o código usado pelos manifestantes para organização dos ataques. A escolha do X está relacionada ao fato de se configurar como uma rede de grande influência dentro do bolsonarismo, pautando, em inúmeras ocasiões, a grande mídia e outras redes sociais.

2 A DINÂMICA DAS REDES BOLSONARISTAS: polarização e ataque ao “inimigo”

As campanhas presidenciais de Bolsonaro, em 2018 e 2022, foram marcadas por uma lógica discursiva de polarização, com foco em ideias antagônicas ao projeto político desenvolvido pelos Governos do Partido dos Trabalhadores. O antipetismo foi um dos elementos principais para conquistar votos e apoiadores. Ele utilizou símbolos nacionais e a ideia de patriotismo na luta contra a corrupção, com amplo apoio militar e o mote “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Aqueles que discordavam dos valores pregados por Bolsonaro (PL) e bolsonaristas, eram tidos como o inimigo, o outro. Além disso, Bolsonaro construiu uma autoimagem de *outsider* político, de promessas *anti-establishment*, embora seja político desde a década de 1980.

Essas características exploradas por Bolsonaro (PL) não são novidades na política brasileira, mas se acentuaram e foram individualizadas, principalmente, pelas estratégias de uso de comunicação via redes sociais online, de acordo com Avritzer (2021), pois, na rede, é possível estabelecer um canal de vínculo direto com os próprios apoiadores. Dentre os sucessos do bolsonarismo acerca dessa estratégia, o autor ressalta: “O bolsonarismo degrada as instituições a partir de uma rede impressionante de geração de *fake news*” (Avritzer, 2021, p. 17).

O bolsonarismo é conceituado por Rennó (2022, p. 147) como um alinhamento ideológico de direita no Brasil, baseado nos posicionamentos políticos de seu líder, Jair Bolsonaro (PL), e “pautado na retórica crítica à esquerda e embasado em um projeto conservador, voltado para a defesa

de princípios tradicionais, como família, pátria e propriedade”. Para Cesarino (2020), o bolsonarismo, fenômeno de ascensão e popularidade de Bolsonaro e seus apoiadores, reflete o vazio de uma crise de representação política e institucional, que se iniciou nas Jornadas de Junho de 2013 e se consolidou, também, com o papel da imprensa tradicional em coberturas, que privilegiaram o apoio à Operação Lava Jato, à criminalização da esquerda e ao golpe parlamentar sofrido por Dilma Rousseff.

Outro fator de relevância é a forma como as narrativas bolsonaristas circulam nas redes sociais, fundamentadas em programações, que privilegiam a aproximação dos que pensam parecido e potencializando conteúdos vistos como positivos pelo usuário. A forma comumente usada para nomear o fenômeno é “câmara de eco” ou “filtro bolha”. Na perspectiva de Santaella (2019, p. 10), as “câmaras de eco” se propagam com mais intensidade nas redes, já que o ambiente se constitui a partir de um “ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis”. Sobre isso, Santaella (2019) reflete a ideia de “bolhas” nas redes sociais como “molduras ideológicas”. Ou seja, há uma unilateralidade de visões dentro de espectros políticos – lados diferentes não dialogam –, o que acaba por contribuir para que crenças existentes se tornem fixas. Conforme a autora, isso pode levar pessoas mais vulneráveis a estarem constantemente sujeitas à manipulação, desinformação e notícias falsas.

Na mesma linha, Da Empoli (2020) aponta que o direcionamento ao engajamento privilegia o extremo, uma vez que o usuário tem mais propensão a aderir àquilo que não corresponda aos seus anseios além de ter mais condições de acolher determinado ideal de modo mais efetivo e colaborativo. Assim, as chamadas bolhas digitais, que, ancoradas nas lógicas dos algoritmos, colocam o seguidor em sintonia com as mensagens, que confirmam suas visões de mundo. Isso posto, o ambiente digital se tornou uma grande rede de conversação, que opera como contraponto à imprensa, sendo um locus privilegiado para questionar, responder e atacar os inimigos de Bolsonaro de acordo com Fernandes *et al.* (2021). Ainda para os autores (2021), são frequentes os ataques aos diversos opositores que aparecem na forma de pesquisadores, imprensa, políticos de oposição, membros do Judiciário, prefeitos e governadores. Novamente, aquele que não pensa ou age em consonância com o líder do Executivo é inimigo do país.

Nos perfis das redes sociais, são expostos os gostos, as paixões e os ódios dos atores sociais, construindo conexões baseadas em visões de mundo semelhantes. Nesse contexto, a extrema-direita contemporânea tem se destacado pela utilização de discursos de ódio e pela colonização do imaginário social, estratégias que visam mobilizar emoções e manipular percepções coletivas. Moraes (2019) tem se debruçado sobre esse fenômeno, oferecendo análises sobre as táticas e os impactos dessa vertente política. O autor (2019) alerta para o fato de que o discurso intolerante é uma estratégia deliberada da extrema-direita, que mobiliza emoções para afirmar seu grupo e negar o outro, visto como ameaça e corrupção dos valores. Esse modus

operandi é essencial para a manutenção e expansão do movimento, ao alimentar sentimentos de medo e aversão. Embora a internet não seja a criadora do preconceito e da intolerância, ela amplifica tais elementos no discurso, tendo em vista que as redes sociais proporcionam um ambiente onde as ideias extremistas podem florescer e se disseminar rapidamente. As plataformas digitais não só amplificam as vozes de ódio, mas também permitem que os indivíduos se agrupem em comunidades de pensamento homogêneo, reforçando suas crenças e tomando-as mais radicais (Chaudhry; Gruzd, 2019).

Gerbaudo (2018) entende que a polarização é fomentada por algoritmos, que ditam as interações em rede e reforçam o engajamento em postagens. Independentemente do conteúdo, seja ele “positivo” ou “negativo”, o importante é ser relevante. As interações são reforçadas por uma lógica mercantilista em busca de cliques e visibilidade. Isso afeta a própria circulação de sentidos e, conseqüentemente, de ações pelo mundo. No caso do Brasil e de outros países que enfrentam ou enfrentaram o retorno de governos populistas de extrema-direita e que tendem a descredibilizar a mídia tradicional e outras instituições sociais, pode-se ver um reflexo do que Gerbaudo (2018) aborda. Isso acontece, porque grupos, como os bolsonaristas, desconfiados e rejeitando a grande mídia, apostam nesta suposta ausência de mecanismos de controle de conteúdo ou de filtro para consolidar suas narrativas.

O autor discute ainda o conceito de “coreografia de ajuntamento” (Gerbaudo, 2012), a partir de movimentos sociais no mundo todo, que saíram das redes e foram para as ruas, como na Primavera Árabe. Nesse sentido, a população que se manifesta nas redes, quando orgânica, passa a se comportar como enxames sem colmeias (Gerbaudo, 2012), pois não possuem mais pontos de referências claros em termos de liderança, ou espaços unificadores, o que aconteceria no caso de ajuntamentos em locais físicos.

Essas tentativas de mobilização online da população fundamentam-se em uma ideia de que seja algo espontâneo, que nasce do protesto do “povo”. No entanto, Gerbaudo (2012) aponta que essa pode ser uma falsa premissa, uma vez que essas mobilizações aparentam ser mais ensaiadas, estruturadas, por isso o termo “coreografia”. Isso ocorre devido a uma assimetria nas relações entre quem mobiliza e é mobilizado.

3 A DESINFORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PODER

Diversos episódios marcaram a marcha de Bolsonaro (PL) ao poder. De deputado federal pertencente ao chamado “baixo clero” a presidente da República, muitos fatos colaboraram para a ascensão do ex-presidente. Um dos pontos que merece destaque é a retórica antissistema e antipolítica, adotada por Bolsonaro durante o período de campanha, apesar da sua longa

trajetória na política. Naquele momento, as pesquisas de intenção de votos, publicadas pelo *Datafolha* em outubro de 2018, indicavam que a força eleitoral de Bolsonaro vinha, sobretudo, de sentimentos negativos em relação à política e ao *establishment*. Os ataques ao PT, aos demais partidos de esquerda e ao ex-presidente Lula, acusados de propagar uma ideologia comunista, se consolidaram em associação ao pânico moral liderado pela matriz conservadora apoiada por Bolsonaro, com pautas ligadas à defesa da família, ao combate às drogas, às críticas ao aborto e à naturalização de casais *gays*.

Chaves (2023) aponta que o anticomunismo começou a ser fortemente resgatado no Brasil como arma discursiva de uma “nova” articulação da direita, que remonta à ideologia conservadora pré-golpe militar de 1964. Essa vertente ganhou força nas redes sociais a partir de influenciadores digitais, como Olavo de Carvalho, que disseminaram teses anticomunistas relacionando o PT ao comunismo, ao regime cubano e à ideologia do bolivarianismo venezuelano. O fundamentalismo religioso ganhou espaço no Brasil com a expansão da influência política de líderes e igrejas evangélicas desde a década de 1990, quando passaram a integrar a bancada evangélica no Congresso e esta se tornou uma aliada de Bolsonaro, principalmente para exercer a defesa de valores conservadores, entre os quais o confronto com movimentos LGBTQIAP+. No que se refere especificamente a alguns setores conservadores da sociedade brasileira, as alianças entre a política e a religião atuam na eliminação do contraponto e da pluralidade, e operam na defesa do discurso de verdade (Foucault, 1979) sobre quem seriam os inimigos da nação e da família tradicional brasileira.

O bolsonarismo surgiu como um movimento personalista em torno do então deputado federal Bolsonaro, que consegue reunir a pauta discursiva da nova direita na conquista do poder político. Como lembra o sociólogo francês Michel Foucault (1996, p. 10), discurso é poder, sendo o discurso aquilo “pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar”. Nessa esteira, outros fatos insólitos marcaram a eleição de 2018, como o disparo das *fake news*, num momento em que a legislação se apresentava defasada em relação ao uso eleitoral das mídias digitais. Souza (2019) descreve que a eleição de 2018 foi dominada pela desinformação, pela disseminação de *fake news* e por acusações de financiamento ilegal na campanha do candidato vitorioso.

Durante todo o mandato presidencial, Bolsonaro investiu na lógica discursiva da desinformação em ataque à democracia, alijada em ações, que surgiam de gabinetes governamentais paralelos e de grupos políticos, os quais flertam com movimentos repressores, desacreditam e atacam populações vulneráveis e compelem os demais agentes a aceitar suas vontades e determinações (Marques, 2023). Dessa forma, segundo reitera Marques (2023), as redes sociais passaram a ser o espaço de comunicação do Governo Bolsonaro com seus apoiadores bem como para a comunicação governamental, em um movimento para afastar seus seguidores das mídias tradicionais,

tidas como disseminadoras de *fake news* pelos bolsonaristas. Os discursos circulados nas redes sociais pelos grupos bolsonaristas, geralmente, se vinculam a uma instituição, como modo de propagação convincente, e têm o poder de impactar os seguidores, que se manifestam como possuidores de uma “verdade”.

Ciente da complexidade de empregar o termo verdade, toma-se emprestado de Arendt (1972) uma abordagem muito útil embora tenha sido estabelecida antes da intensa circulação de dados experimentados nos últimos anos. A filósofa discute o conceito de verdade na política sob um eixo entre verdade racional e verdade factual: a primeira, como aquela ligada ao fazer científico e à racionalidade filosófica; e a segunda ligada aos indícios dos acontecimentos tácitos, como abordados pelo jornalismo e pela história. A autora, contudo, não ignora que todo fato seja abordado sob interpretações variadas. A questão, para Arendt (1972), está em trazer uma oposição, sobretudo à verdade factual, a partir da mentira deliberada. Ela evoca esse conceito em contraposição ao erro e à opinião, que resguardam uma verdade pessoal, calcada em interpretações ou até emoções. Na perspectiva da autora, há uma correspondência no fato que deve ser buscada. Não se trata de uma pretensão de abordar a verdade em seu complexo debate dentro da própria filosofia, mas de indicar um caminho possível para sua abordagem, sobretudo, no campo político. Aliás, a filósofa salienta que a distorção da verdade é fundamento do jogo político desde sempre.

Já Foucault (1979, p. 14) assevera que “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder que a produzem e a confirmam e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”, sendo que estamos inseridos em uma sociedade, “que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm, por este motivo, poderes específicos” (Foucault, 1979, p. 231). Dissertar sobre esse cenário é fundamental para se entender como a ambiência da desinformação vai além da prática deliberada de propulsão de mentiras nas redes sociais.

No período em que estive no Poder, Bolsonaro (PL) alimentou sua rede de seguidores com disseminação de *fake news*, que reavivam o ódio contra adversários políticos, destacadamente políticos e partido de esquerda. Ancoradas em efeitos de verdade, as *fake news* disseminadas por Bolsonaro se estruturam em uma lógica de poder, arquitetadas com o objetivo de provocar a reação emocional dos seguidores no combate ao suposto comunismo, petismo, lulismo e na nomeada ideologia de gênero – terminologia usada para se referir a todo debate sobre igualdade de gênero, diversidade sexual e temas afins.

Assim, a formação e a consolidação do público bolsonarista se firma pela via do recrudescimento de uma onda antidemocrática e conservadora, estruturada nas mídias sociais e interpelada por processos de algoritmização (Cesarino, 2022), seguida pela crescente onda de desinformação. Nesse cenário, a lógica discursiva amparada pelo uso da desordem informacional

como estratégia sustentou o poder político de Bolsonaro durante o período presidencial, como também corrobora para manutenção ativa de seus seguidores. Da Empoli (2020) argumenta que a direita tem utilizado recursos de desinformação para favorecer projetos de cunhos nacionalista e radical, como a invasão ao Capitólio após a derrota de Trump nas eleições de 2020 e a tentativa de golpe no Brasil após uma semana da posse de Lula em 8 de janeiro de 2023.

4 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS: as repercussões da Festa da Selma

A partir da metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS), pretende-se compreender a movimentação que permeou as redes sociais on-line durante o ataque às instituições no dia 08 de janeiro de 2023, buscando identificar como os agentes se mobilizaram para o evento. Uma rede social pode ser definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).

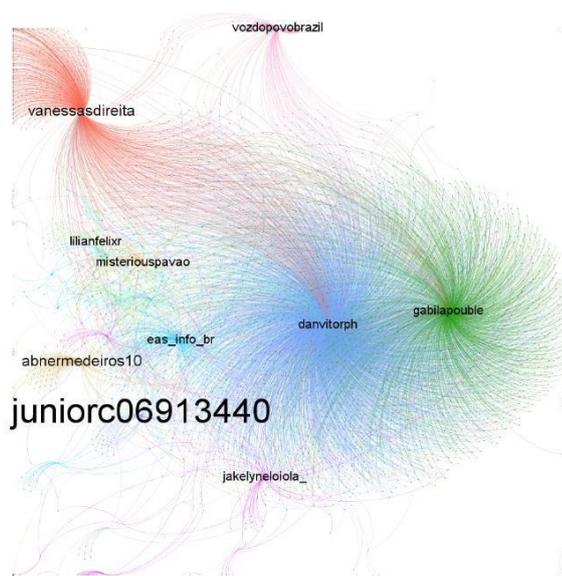
Recuero et al. (2015) apontam que a ARS é uma metodologia que permite estudar as conexões, ações e interações entre os atores de uma determinada rede e suas conexões (laços), associadas à etnografia digital. A coleta utilizou o *software Netlytic*, uma ferramenta gratuita que coleta redes e textos em redes sociais de forma automatizada, e que também fornece um banco de dados que possibilita visualizar conversas públicas *online*. A presente coleta foi feita a partir da hashtag #FestadaSelma, que chegou aos *Trending Topics* do X em 8 de janeiro de 2023. Bolsonaroistas que invadiram a Esplanada dos Ministérios nesta mesma data, utilizaram a frase “Festa da Selma” como um código específico para combinar os ataques às sedes dos Três Poderes, em Brasília. A palavra “Selma” é uma alusão à “selva”, utilizada pelos militares brasileiros. Há uma clara similitude entre o nome feminino adotado e o grito de guerra que os militares ecoam constantemente: “Selva!”.

Os dados coletados foram exportados para o *software Gephi*, que disponibiliza cálculos amostrais, mapas e representações visuais das interligações a partir de grafos, revelando como se estruturam grupos de conversação (*clusters*) em torno do tema, assim como os nós centrais e os principais conceitos associados (coocorrências) nas discussões. Para identificar os *clusters* da respectiva rede, foi aplicada a métrica de modularidade, que se refere a uma medida de vizinhança, ou seja, quanto um determinado nó tende a aparecer dentro de um determinado grupo, sendo possível mensurar a quantidade de conexões existentes em uma comunidade (Recuero, 2015). Também, efetuamos a métrica do grau de entrada (*indegree*), buscando os perfis que receberam o maior número de menção nas discussões durante o período.

A rede dos respectivos dias se constituiu de 5.283 nós e 6.379 arestas, compondo um

grafo dirigido. Na representação da rede (Figura 1), é possível verificar uma rede centralizada, sem polarização entre os clusters que se manifestaram, com total predominância de narrativas que demonstram exaltação com os desdobramentos da Festa da Selma. Importante destacar que as dez principais comunidades ocuparam 92,5% da rede de conversação, indicando uma rede pouco capilarizada e com poucas características de conversações mais orgânicas.

Figura 1 - Rede com os 10 principais influenciadores e comunidade da rede #FestadaSelma



Fonte: Twitter, 8 de janeiro de 2023

A Tabela 1 lista a posição relativa dos dez principais influenciadores, indicando o maior grau de conexão *indegree* (somatório de RTs e menções que cada perfil recebeu) e a posição de cada cluster na rede, assim como a imagem de identificação no perfil, geolocalização e a data de ingresso da conta no Twitter. Esses metadados podem contribuir para a identificação e comportamento das contas da rede.

Tabela 1 - Classificação dos nós com maior *indegree* nas comunidade, perfil e ingresso no Twitter

Ingresso no Twitter	Geolocalização	Comunidade (%)	Grau de entrada	Nó (label)
Ingressou em junho de 2022	Rússia	49,74%	3504	
Ingressou em junho de 2009	Araxá	15,96%	1005	Conta humana
Ingressou em novembro de 2022	Rio de Janeiro	11,13%	670	

Ingressou em novembro de 2022	Brasil	3,92%	188 165	
Conta desativada		3,58%	165	eas_info_br
Ingressou em agosto de 2022	Brasil	2,14%	74	
Ingressou em março de 2022	Em algum lugar do BRASIL	1,67%	61	
Ingressou em novembro de 2022	Brasília	1,19%	58	
Ingressou em abril de 2019	Brasília	1,59%	48	Conta humana
Ingressou em outubro de 2009	Brasil	1,58%	45	Conta humana
Total		92,5%	5865	

Fonte: Twitter, 8 de janeiro de 2023

Outros itens que merecem observação são as datas de ingresso, que podem indicar contas criadas com algum propósito específico; e as fotos dos perfis dos principais influenciadores das comunidades, que trazem indicativos de que as contas podem ser automatizadas, sem características de contas pessoais, uma vez que são avatares e/ou imagens retiradas da internet, com o uso de personagens históricos famosos da ficção e da realidade, em vez de fotos pessoais. Em outras palavras: há a tentativa de se despersonalizar os usuários, de um lado, mas visando inclui-los em uma identidade “patriota” de outro, como podemos ver com o uso de bandeiras do Brasil, por exemplo. Um total de seis contas, responsáveis por 69,45% da rede, ingressaram no Twitter em 2022, ano das eleições presidenciais, em que Bolsonaro saiu derrotado, corroborando com a ideia de contas criadas com propósitos específicos. Ao longo da análise, destacamos outras características que permitem associar alguns perfis a um *bots*.

A comunidade que obteve o perfil @DanVitorPH como nó central contabilizou 3504 conexões e ocupou 49,74% da rede. Nomeado de Daniel Victor, as mensagens postadas traziam como conteúdo “Poderes. 08.01.2023 – Brasília Esplanada dos Ministérios #SELMA Palácio do Planalto, Congresso e STF tomados”, seguida de vídeos que atualizavam os passos da invasão, a partir de uma ordem cronológica dos fatos, desde a chegada dos manifestantes ao local até a tomada da Praça dos Três Poderes. Além de ingressar em novembro de 2022, trazer uma avatar como imagem do perfil, a

conta de @danvitorph apontava a Rússia na geolocalização, o que aumentou a suspeita de se tratar de conta não orgânica. Apesar da geolocalização não ser definitiva quanto à postagem estar ocorrendo de fato, de uma localidade, pois há serviços que podem camuflar esse tipo de dados, como Virtual Private Network (VPNs)², esse pode ser um indício de contas não orgânicas, ou de contas que desejam esconder/dissimular dados.

O segundo perfil mais acionado, de @GabiLapouble, ocupou 15,96% da rede, com 1005 conexões. Ativista da extrema direita, o perfil tuitou 17 vezes durante o dia 08 de janeiro, com mensagens que enalteciam o sucesso da Festa da Selma. As postagens possuíam termos como “linda festa”, “furacão Selma”, “não para de chegar gente”, “ainda cabe mais convidados”, “festa”, “muito docinho”, “Selma é puro luxo”, entre outras palavras que sugeriam que invasão dos três poderes seguia bem-sucedida. Entre os tuítes do perfil, chama a atenção frases como “A Selma é muito boa para organizar reuniões”, “Selva da Selma” e “Selma tá Selva”, por insinuarem que a invasão contou com a colaboração de membros do exército, sobretudo em função na analogia com o termo Selva, usados frequentemente pela instituição, fato que só foi constatado após as investigações da Polícia Federal que aponta a participação parcial de militares nos ataques aos três Poderes no dia 8 de janeiro³. A presença e o apoio de parte da ala militar a Bolsonaro foram constituídas ao longo do mandato presidencial, sobretudo em função da oferta de cargos e privilégios. Um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) revela que o governo foi responsável por elevar em 70% a presença de militares em cargos de natureza civil⁴. O pesquisador William Nozaki (2021) aponta que a presença do grupo é meramente corporativista, e se resume a aumentos do soldo, novas bonificações, gratificações, benefícios e privilégios. Cumpre destacar que alguns nomes importantes de altas patentes das Forças Armadas são investigados por atuarem nos bastidores na tentativa de perpetrar um Golpe de Estado. A natureza corporativista também se aliou a um propósito ideológico persistente desde o Golpe Militar de 1964.⁵

O terceiro perfil mais ativo durante a invasão foi @Vanessadireita. Importante apontar que, de acordo com a apuração da Agência Pública, esse também foi o perfil de Twitter mais ativo durante o período de organização da invasão, em que somou um total de 14,3 mil tuítes¹², sendo, inclusive, classificado como conta automatizada pela ferramenta Botometer. No episódio do dia 08 de janeiro, os tuítes apresentavam vídeos com a invasão à Câmara dos Deputados e a ocupação da Mesa de Diretora, seguido dos textos “A festa da Selma está bombando no \$TF (Nrbr <https://t.co/9Qlf5BzA5Q>” e “08/01/23 Brasília. Tem até Área Vip na Festa da SelmaN O GIGANTE ACORDOU <https://t.co/oLIM4YjuyQ>”.

O perfil @vozdopovobrazil, que também ingressou no Twitter em novembro de 2022, recebeu 188 conexões ao tuitar “A festa da 'Selma' está ótima e precisa continuar. Parabéns, patriotas

que Deus abençoe e cuide de todos vocês”. Com indícios de automatização, a conta vende adesivos para carro que trazem o termo ladrão, como a mensagem “Eu não votei nele” e “Ele não”, em apologia à eleição que consagrou Lula presidente. O termo se espelha na extensa campanha que se constituiu em oposição a Bolsonaro nas eleições de 2018, com manifestações nas ruas e nas redes, movidas pelo uso da *hashtag* Ele não. Atuando como espelho invertido (Cesarino, 2022), o bolsonarismo usa o recurso de atribuir à oposição, questões que se referem a Bolsonaro. É salutar observar que as plataformas digitais atuam como dispositivos e colocam os sujeitos bolsonaristas em situações de relações com o verdadeiro (ou com o falso), dadas as condições de emergência para o aparecimento de determinado discurso, e não outro em seu lugar (Foucault, 2008). Nesse caso, o espelho invertido se move a partir da lógica de reutilizar os protestos usados contra Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, para acirrar o embate contra o governo Lula.

O quinto perfil @eas_info_br, com 165 interações, abarcou 4,33% da rede. A conta se encontra desativada. Durante a invasão, o perfil fazia referência ao acampamento pró-golpe, localizado em frente ao Comando Militar de Brasília, com o tuíte “RT @eas_info_br:—08.01.23 =_C¿ +70° dia! BRASÍLIA – DF QGEX - 15:40h”. Além dos símbolos de elevação de temperatura em 70° graus e sirene de alerta, o texto BRASÍLIA – DF QGEX estabelece conexão com a Base Administrativa do Quartel-General do Exército, que estava responsável por monitorar desde o dia 6 de janeiro, a situação do acampamento montado em frente ao Quartel-General do Exército, até o dia da invasão, com atualização do número de caravanas e pessoas presentes. Como já foi mencionado, as investigações liderada pela Polícia Federal apontam que aproximadamente 81 militares estiveram envolvidos no ato de 08 de janeiro. Além de frustrar todos os planejamentos e as tentativas de retirar os bolsonaristas do acampamento instalado em frente ao quartel-general de Brasília, as acusações envolvem a proteção e o apoio aos invasores, facilitado pela entrada no Palácio da Alvorada.

O perfil de abnermedeiros10, que contempla a sexta maior comunidade, também ingressou no Twitter em agosto de 2022. O perfil, que ocupou 2,44% da rede, apontava a suposta ação truculenta dos policiais contra os invasores, indicando tiros, atropelamentos, bombas etc. A mensagem mais replicada pelo perfil, com segundos de diferença, indicava que o Congresso Nacional estava ocupado e que “Supremo era o povo”. O tuíte contraria as versões das investigações da Polícia Federal, que aponta inércia dos policiais militares, com imagens que revelam militares fardados conversando, assim como entregando garrafas de água mineral para um grupo de invasores.

Com 70 conexões e ocupando 1,61% da rede, destaca-se o perfil de juniorc06913440, com ingresso em março de 2022 no Twitter. No plano de fundo da foto do perfil, a paráfrase de Abraham Lincoln: “Nós, os cidadãos, somos os legítimos senhores do Congresso e

dos Tribunais, para não derrubar a constituição, mas para derrubar os homens que pervertem a constituição”, parece justificar as invasões. O perfil que ingressou em março de 2022, propagou durante a invasão sete vídeos com imagem dos chamados patriotas marchando em direção à praça dos três poderes. Usando o termo “Girassóis”, os tuítes comemoravam e incentivam que patriotas do Brasil se unissem à festa da Selma, apoiados pela música “ No coração de quem apoia Bolsonaro. Nascerá uma flor amarela. Como um girassol Como um girassol. Como um girassol amarelo, amareloBR”.

O perfil @mysteriouspavao, oitava comunidade mais relevante, com 58 conexões, também se apresenta com características de conta automatizada, pela data de ingresso, foto do perfil e estilo de publicação. Com ingresso em novembro de 2022, durante a invasão, um vídeo com o Palácio do Planalto, Congresso e tomados por manifestantes, foi tuitado inúmeras vezes pelo perfil. Na mesma linha, com ingresso em abril de 2019, o perfil de jakelyneloiola, se destaca como a principal influenciadora da nona comunidade mais relevante da rede, com 48 conexões. No dia 08 de janeiro o perfil tuitou dois vídeos que mostravam alta concentração de pessoas na Praça dos Três Poderes, seguido do texto “A festa da Selma? Selma minha filha o que foi isso? Brasília 08/01/23 BR <https://t.co/WR9EdC0bO6>”.

O último perfil mais influente da décima comunidade selecionada é de Lilianfelixr, aparentemente conta humana, com postagem diária, foto de perfil e ingresso em outubro de 2009. Durante a invasão, o perfil realizou uma postagem que flerta com a ideia de comunismo, ao apontar que o povo quer liberdade e o Brasil jamais será uma Venezuela, Cuba ou qualquer outro, após a vitória do Lula. Em sintonia com os preceitos de Bolsonaro, a seguidora parece justificar o ataque às instituições democráticas, a partir de pautas que alertam para o risco da esquerda no poder e denunciam as supostas ações de estreitamento do Brasil com o comunismo, a partir da vitória de Governo Lula.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Análise de Redes Sociais evidencia uma dinâmica própria da crise da democracia liberal: a mobilização integrativa de atores políticos por meio de estratégias difusas. Isso se deu, em grande medida, para garantir um sentimento conspiratório e que ocultasse a evidência de determinadas intenções para evitar ações da justiça. Por isso a maioria dos nós da rede são de perfis com características apócrifas. Embora não seja possível apontar sua autoria direta, é possível estabelecer aspectos conjunturais que atestam para um flagrante ataque à democracia brasileira, com ações coordenadas – muitas das quais ainda dependem de conclusões de investigação e elucidações que devem vir da justiça brasileira.

A pesquisa aponta para o uso robusto de contas falsas e mecanizadas, além do

codinome da invasão – Festa da Selma. O trabalho indica, portanto, que o evento estudado, com suas dinâmicas comunicativas, reforça o caráter de crise democrática pela qual passa o Brasil. A ascensão do nacional-populismo (Eatwell; Goodwin, 2020) transformou as divisões ideológicas em diversos países, especialmente no Ocidente. Discursos nacionalistas, muitas vezes associados a posturas vistas como xenófobas, racistas e conservadoras, impulsionaram partidos de extrema direita, permitindo que eles ocupassem cadeiras nos parlamentos, assumissem o Executivo em algumas nações ou obtivessem destaque no cenário político. Para alguns especialistas, o crescimento desse pensamento representa uma crise na democracia liberal (Castells, 2017) ou, em uma visão mais crítica, uma ameaça direta à democracia (Levitsky; Ziblatt, 2018).

Para Castells (2018), a democracia liberal enfrenta uma crise em razão da crescente desconfiança nas instituições políticas, que abre espaço para o avanço de ideias autoritárias. A democracia liberal fundamenta-se em direitos individuais e políticos, separação de poderes e eleições livres, princípios que estão sob ameaça em um contexto de insatisfação popular e influências ocultas. Esse cenário é agravado pela globalização, que intensifica o nacionalismo, e pela "autocomunicação de massa" nas redes sociais, facilitando a difusão de discursos simplificados e polarizados.

Há, evidentemente, muitas faces que envolvem o ataque às instituições ocorridos em 8 de janeiro. A pesquisa dá conta de uma rede específica (X) e indica elementos que ajudam a entender as estratégias: associação ao militarismo; linguagem ambígua e mobilizadora (Festa da Selma); alto índice de replicação e citações; descredibilização das instituições; elementos simbólicos e associações ao extremismo de direita.

Cumprido, portanto, observar, sob outras nuances, as dinâmicas comunicativas que contribuíram para a efetividade das invasões. Embora tenham utilizado códigos difusos, a ação de recrutamento não se deu de maneira secreta. A falha na segurança e a fragilidade institucional do País foram escancaradas – o que indica, ainda, a importância de olhar atento para as dinâmicas comunicacionais que se dão perenemente, ainda que de maneira extremamente veloz e fractal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2021, Bolsonaro (PL) já questionava a credibilidade das urnas eletrônicas. Durante as eleições de 2022, com chances de sair derrotado do pleito, o ex-presidente acirrou os ataques, com informações falsas sobre a segurança do processo. Em 18 de julho de 2022, durante o período eleitoral, Bolsonaro convocou representantes de mais de 70 países para questionar as urnas eletrônicas.⁶ Após sua derrota, grupos de seguidores do ex-presidente passaram a apoiar manifestações em frente aos quartéis do exército, com solicitação de golpe de Estado. As mobilizações

avançaram até a tentativa de tomada de poder que ocorreu em 08 de janeiro de 2023, com a invasão da Praça dos Três Poderes.

Após o episódio que rendeu prejuízos significativos aos cofres públicos, a Polícia Federal, o Ministério da Justiça e o Supremo Tribunal Federal passaram a investigar quem eram os financiadores e organizadores do ataque, que foi orquestrado pelas redes sociais, com o código Festa da Selma. Nesse sentido, o artigo teve como objetivo estudar a rede social Twitter, durante o episódio, para compreender as principais mobilizações relacionadas à *hashtag* Festa da Selma. Importante destacar que a rede analisada se concentra em 10 comunidades, amplamente conectada, com atores com elevado número de compartilhamentos, mas com baixa conversação. Esse resultado dá indícios do uso de contas automatizadas, usadas para disparos de retuítes em massa, que apesar da exaltação das mensagens de apoio à invasão, estão inseridas em bolhas, com pouca interação fora dos espaços ocupados pela rede bolsonarista.

As características dos perfis destacados e o comportamento da rede reforçam a ideia da coreografia de ajuntamento, de Gerbaudo (2012), como algo que é ensaiado, planejado, orquestrado, e não algo que seja orgânico. No entanto, pelas próprias características da rede, elevado número de perfis pagos ou automatizados, não se pode estabelecer relações de “sucesso” nesse ajuntamento nas redes e nas ruas, além de se comprovar a não organicidade do movimento bolsonarista on e off-line. Ele, contudo, é fundamental e constitutivo da ação política, sobretudo em uma sociedade midiaticizada (Hjarvard, 2014).

O ataque à democracia, identificado nas invasões de janeiro de 2023, estão associados a outros fatos que têm sido investigados no âmbito jurídico. Embora a invasão, pela própria natureza desordenada e performática, apresentasse aparente efetividade limitada, as ações políticas dos bastidores estavam em sintonia com o movimento insuflado nos vários canais usados pelo movimento bolsonarista. Levitsky e Ziblatt (2018) indicam quatro tendências autoritárias que estão na prática antidemocrática de alguns líderes: (a) rejeição às regras democráticas do jogo – Bolsonaro (PL) criticou o sistema eleitoral já antes do pleito; (b) negação da legitimidade dos oponentes políticos – ataques constantes ao PT e à Lula (PT), sobretudo pelo adversário ter conseguido vitórias judiciais após condenação anulada; (c) tolerância ou encorajamento à violência – declarações públicas de incitação à violência⁷ e atuação do movimento na insuflação dos atos de 8 de janeiro; e (d) propensão a restringir liberdades civis dos oponentes, inclusive a mídia – os ataques à imprensa foram comuns durante o Governo Bolsonaro, embora não tenha havido restrições a liberdades (algo que poderia ter ocorrido em caso de sucesso das tentativas de golpe aventadas).⁸

É importante destacar que o *corpus* deste trabalho é apenas uma parte de um fenômeno maior e mais complexo. O bolsonarismo, enquanto movimento político, opera com base em

desinformação, mas também se articula em tessituras midiáticas diversas e que se desdobram em ações nas redes e nas ruas em função de seus objetivos. A presente análise revelou que o ordenamento de apoio aos atos de 8 de janeiro tiveram como base o tom celebrativo, apoiador e mobilizador. A simplificação discursiva também é própria do funcionamento da plataforma (X, antigo Twitter). Contudo, as bases teóricas do movimento já vinham sendo sustentadas pela ascensão autoritária dos ataques às instituições.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Da violência**. Brasília: UNB, 1985.

AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Morona. **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. São Paulo: Autêntica, 2021.

CASTELLS, M. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Trad. Joana Angélica D'Avila Melo. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

CHAVES, Fernando de Resende. **A acomodação dos outsiders Alexandre Kalil e Romeu Zema ao establishment em minas gerais: uma análise das estratégias retóricas e das narrativas antipolíticas na propaganda eleitoral dos líderes mineiros pelo Facebook**. 2021. 304. f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Instituto de Ciências Sociais e Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2023.

CHAUDHRY, I.; GRUZD, A. Expressing and Challenging Racist Discourse on Facebook: How Social Media Weaken the “Spiral of Silence” Theory. **Policy & Internet**, v. 24, n. 4, p. 88-108, 2019.

DA EMPOLI, Gerbaudo. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

EATWELL, R.; GOODWIN, M. **Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal**. Trad. Alessandra Bonruquer. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FERNANDES, Carla Montuori; OLIVEIRA, Luiz Ademir; COIMBRA, Mayra Regina; CAMPOS, Mariane Mota. Press X Government: the populist rhetoric of the Covid-19 pandemic on the social network Twitter. **Brazilian Journalism Research**, v. 17, n. 3, p. 562–595, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GERBAUDO, Paolo. Social media and populism: an elective affinity? **Media, Culture & Society**, v. 40, n. 5, p. 745-753, 2018.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 2014.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

PENTEADO, Claudio; DIAS DOS SANTOS, Patrícia; DAMACENO DE ALMEIDA, Laura; HIDEKO GOYA, Denise. Democracia sob ataque: polarização política e produção de conteúdos hostis no Twitter nas eleições de 2022. **Revista Debates**, v. 17, n. 1, p. 41–62, 2023.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes sociais para a mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RENNÓ, Lucio. Bolsonaro e as eleições de 2022. **Estudos Avançados**, v. 36, n.106, 2022. p. 147-163, 2022.

RUEDIGER, Marco Aurélio *et al.* **Desinformação on-line e contestação das eleições**. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2022.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

Notas

¹ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/mobilidade/2022/11/15112552-paralisacao-dos-caminhoneiros-confira-todas-as-estradas-que-ainda-estao-bloqueadas-pelos-apoiadores-de-jair-bolsonaro.html>. Acesso em: 3 ago. 2023.

² Os VPNs são serviços contratados opcionais, que oferecem ao usuário uma rede privada com ferramentas adicionais de criptografia e navegação silenciosa.

³ PF deve apontar atuação parcial de militares no 8/1. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/08/investigacao-da-pf-deve-apontar-atuacao-parcial-de-militares-no-8-de-janeiro.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2023.

⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/presenca-de-militares-em-cargos-civis-dispara-sob-bolsonaro-revela-estudo>. Acesso em: 10 jul. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-veneslau/politica/juristas-avaliam-que-depoimentos-de-generais-cruzam-linha-da-intencao-e-consolidam-tentativa-de-golpe/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/bolsonaro-repete-teorias-da-conspiracao-e-ataca-urnas-stf-e-tse-a-embaxadores.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/no-acre-bolsonaro-fala-em-fuzilar-a-petralhada-e-envia-los-a-venezuela/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/confira-integra-da-minuta-golpista-apresentada-por-bolsonaro-a-freire-gomes/>. Acesso em: 28 mar. 2024.